

Travessias da literatura de autoria feminina hoje: pesquisas recentes

Júlia Simone Ferreira
Laura Barbosa Campos
Nícea Helena Nogueira

As pesquisas apresentadas neste número da *Ipotesi* acompanham o longo caminho que a crítica literária de autoria feminina percorreu, da década de 1970 até os dias atuais, para representar o feminino contemporâneo. Considerando a convergência de distintas investigações, os artigos propõem verificar como ficcionistas, poetas e ensaístas contribuem para que a literatura sirva de veículo à voz feminina, em um período no qual a mulher luta para ver sua diferença reconhecida e respeitada. Ao mesmo tempo, discutem aspectos literários dessas poéticas que expressam a capacidade criadora das autoras estudadas em abordar as questões do cotidiano feminino, levando em consideração os tratamentos temático e estilístico. Também debatem a presença de situações e de personagens femininas, bem como destacam suas especificidades e propiciam a reflexão sobre temas de pesquisa dentro das questões que envolvem a autoria feminina nos dias atuais. Dessa forma, este número da *Ipotesi* amplia a discussão em torno da grande incidência de questões no que concerne à mulher e, essencialmente, à escrita de autoria feminina.

As ideias que circulam nos artigos deste número foram debatidas e compartilhadas na segunda edição do *Encontro de Literatura de Autoria Feminina*, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em setembro de 2024, evento concebido e organizado pelas(os) integrantes do Grupo de Pesquisa “Travessias e Feminismo(s): Estudos Identitários de Autoria Feminina” (UFJF/CNPq). A partir dessas ideias apresentadas no Encontro, os artigos foram escritos e, após submissão à *Ipotesi*, foram avaliados por professoras(es) doutoras(es) na área dos Estudos Literários, seguindo as diretrizes de avaliação duplo cega por pares. São 32 artigos, ordenados alfabeticamente pela autoria, e um texto sobre tradução. Apresentamos, a seguir, autoras e autores com suas contribuições para pensarmos a autoria feminina enquanto expressão artística e política.

No artigo intitulado “Entre versos e vozes: a negociação intertextual na tradução de Ana Martins Marques”, a autora Ana Luiza de Andrade Bianchi ressalta que a tradução poética apresenta desafios específicos, pois envolvem aspectos culturais, estilísticos e intertextuais complexos, principalmente quando se trata do poema de Ana Martins Marques. Ana Carolina de Carvalho Mesquita destaca o pensamento de Virginia Woolf por meio da tradução, partindo de sua correspondência com a escritora chinesa Ling Chuchua no artigo intitulado “De borboletas e sabor chinês, ou sobre Virginia Woolf e tradução”.

Em “Shakespeare em trânsitos: a rainha Gertrudes em adaptações para prosa”, Amanda Fiorani Barreto e o estudioso da obra de Shakespeare, Leonardo Berenger Alves Carneiro, analisam a (re)construção da identidade da personagem da rainha Gertrude em adaptações narrativas de Hamlet. Uma das maiores especialistas em Jane Austen no Brasil, Adriana dos Santos Sales apresenta “Releituras de Jane Austen: o fenômeno das adaptações audiovisuais”, em que destaca que as adaptações audiovisuais da obra de Jane Austen não devem ser vistas como meras cópias do texto original, mas como práticas intersemióticas e culturais.

A Academia Brasileira de Letras demorou 80 anos para ter uma de suas cadeiras ocupadas por mulheres, fato alterado somente em 1977, com a eleição da escritora Rachel de Queiroz, como nos relata Ana Maria Portela Santos no artigo “Portas abertas, portas fechadas: a trajetória feminina na Academia Brasileira de Letras”.

Bruna Montes Werneck de Freitas analisa as correlações entre vida e obra no percurso literário da poeta Angela Carter nas obras durante as décadas de 1960 no artigo intitulado “As entrelinhas de Angela Carter: correlações entre vida, poesia e primeiros romances na década de 1960”. Já em “Figurações da bruxa na literatura: As reconstruções modernas de Tituba e Circe nas obras de Maryse Condé e Madeline Miller”, Beatriz Tereno Correa Genial investiga a imagem da bruxa na literatura contemporânea, símbolo que representa imagem da opressão e do empoderamento feminino.

No artigo “O mundo contemporâneo está cheio de Orlando”: Virginia Woolf e Paul B. Preciado entre gênero”, Davi Pinho, um dos mais importantes woolfianos no Brasil, demonstra como a obra de Paul B. Preciado tece uma crítica perspicaz ao abordar a identidade de gênero no diálogo que estabelece com as obras de Virginia

Woolf, seu ensaio “Orlando on the road” e em seu filme “Orlando, Minha Biografia Política”.

Para Carla Priori da Silva e Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, em “Os relatos de viagem de Aniko Villalba: uma possibilidade de olhar para a (re)construção identitária da mulher que viaja sozinha”, a mulher viajante propõe, através de seus relatos autobiográficos, uma possibilidade de (re)construção identitária, no processo de autodescoberta. Em “O Impossível: um diálogo erótico entre as artes plásticas e poéticas”, as autoras Elena Santi e Ana Luiza Gonçalves Amaral destacam a obra *O impossível*, da escultora surrealista brasileira Maria Martins, a partir de uma reflexão interpretativa de vários poemas selecionados. A interpretação da escultura acontece pelas similaridades temáticas com os poemas, sobretudo no que se refere ao erotismo.

No artigo intitulado “Desigualdade de gênero e perspectivas feministas em Um teto todo seu de Virginia Woolf”, Everton Rocha Vecchi analisa as questões de gênero no famoso ensaio da escritora inglesa, destacando as relações hierárquicas de poder na sociedade patriarcal de viés sexista, em que critica a representação inferiorizada das mulheres. Em “O corpo-corpus que cala e fala: interseccionalidade em Maya Angelou”, o pesquisador Felipe Fanuel Xavier Rodrigues, destaca que a obra elabora uma poética do corpo-corpus em que se concentram experiências de raça, gênero, classe e deficiência, mostrando como o texto transforma vivências subalternizadas em escrita política.

Em “I’m taking my body back: a retomada do corpo e da presença em Rupi Kaur”, Fernanda Barroso e Silva estuda os trabalhos performáticos de Rupi Kaur, a presença do corpo e signos a partir da perspectiva que possuem significados em diálogo com as questões feministas. Gabriela de Souza Pinto ressalta que através da personagem Ifemelu, a escrita se manifesta como identidade própria, se transformando em ação e subjetividade, no artigo intitulado “Escrita e identidade em *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie”.

No artigo “Luzia e Ponciá Vicêncio: uma reflexão sobre os elementos figurativos rio e barro”, Geraldina Antonia Evangelina de Oliveira destaca que a narrativa fornece elementos que compreendem os mecanismos multiculturais que contribuíram para a formação das identidades afro-brasileiras. Giovanna Dealtry analisa a formação do espaço urbano a partir da perspectiva da experiência feminina

na contemporaneidade no artigo intitulado “Rasgar os mapas, habitar as ruas – mulheres caminhantes na cena literária brasileira contemporânea”.

Gislene Teixeira Coelho nos oferece um estudo de dois contos da escritora portuguesa Lídia Jorge: “Marido” e “A Instrumentalina”. Observamos que esse artigo, intitulado “Reações silenciosas na narrativa de Lídia Jorge: um testemunho de resistência”, mostra as personagens como testemunhas de um tempo impregnado pelo silêncio, pelo esquecimento e pela falta de memória. O artigo “Pode o pássaro cantar apenas a música que conhece?: Gênero como performatividade imposta em Vampirella, de Angela Carter”, de Leandro Batista Stephan, demonstra como a escritora inglesa trabalhou a ideia do amor verdadeiro dentro de um sistema opressivo.

A escrita, enquanto compartilhamento da vida e da palavra, transforma-se em discurso que é experiência de coautoria, segundo Luciéle Bernardi de Souza no artigo “Enlaces políticos e estéticos: escrever com e entre mulheres”. Já Luísa Arantes Bahia e Carolina Alves Magaldi fazem a análise crítica das escolhas tradutórias que foram feitas nas versões para o inglês dos livros *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) e *Casa de alvenaria* (1961), de Carolina Maria de Jesus, no artigo “*Child of the dark* e *I'm going to have a little house*: os erros e reinterpretações da obra de Carolina Maria de Jesus em língua inglesa”.

A estudiosa Maria Aparecida Andrade Salgueiro, em “Literaturas insubmissas, inclusão e representatividade: do silêncio à voz e à reconfiguração do cânone”, traz sua investigação da Literatura de Autoria Feminina Negra para que possamos refletir em favor da luta antirracista e de um mundo mais inclusivo. A análise da representação da natureza no romance *Orlando: uma biografia*, de Virginia Woolf, é feita por Maria Aparecida de Oliveira que explora a interface da Literatura com a Ecocrítica no artigo “Tecnologia e Ecologia em *Orlando*”.

A obra ficcional produzida enquanto escrita feminina colombiana é estudada por María Eugenia Osorio Soto no artigo “Marginalidade e dissidência em *La novia oscura* [1999] de Laura Restrepo”. O artigo “O Rio de Janeiro na pena de Corina Coaraci”, de Moema Rodrigues Brandão Mendes e Eliane Vasconcellos, resgata a cronista no final do século XIX, com o intuito de promover o levantamento de sua obra ainda em periódicos.

O conceito de escrevivência, cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo, é revisitado por Patrícia Aniceto no artigo “O reflexo do espelho de Oxum no conto ‘Olhos d’água’ de Conceição Evaristo” ao tentar reconstruir a identidade e a noção de pertencimento propostos pela narradora do conto. Priscilla Pellegrino de Oliveira, no artigo “Violência sexual na escrita feminista de Roxane Gay: uma história em três textos”, faz um estudo preciso sobre essa temática que é preponderante na obra da escritora norte-americana.

Margaret Atwood criou o termo “ustopia”, que Rachel Strehle discute no artigo “Utopia e distopia: A visão “ustopica” de Margaret Atwood” ao analisar o romance *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman, e *O Conto da Aia*, de Atwood. Gilman também é analisada por Raquel Saar Rodrigues e Rogério de Souza Sergio Ferreira no artigo “A utopia feminista de Charlotte Perkins Gilman: uma análise de sentimentos em Moving the Mountain”, dentro de um contexto teórico de uma utopia ecofeminista.

O objetivo do artigo “Literatura das mulheres chicanas: as mediadoras das vozes chicanas contemporâneas: Cisneros, Chávez, Corpi e Grande”, de Renata Rezende Menezes, é abordar a literatura de mulheres chicanas, nos Estados Unidos a partir dos anos 1980, como mediadora das vozes das latinas, reverberando os acontecimentos sociopolíticos no cenário norte-americano. A obra de uma poeta colombiana residente de Juiz de Fora, MG, é o tema do artigo “Pintando aldeias: pinceladas de memória na poesia de Nanny Zuluaga Henao”, de Sônia Maria Ferreira de Matos, que trabalha as recordações de sua infância envolta pela natureza, pelos personagens reais que a rodeiam, pelas recordações ancestrais e pelas heranças deixadas pelos povos originais da Colômbia e pela africanidade também presente naquele país.

Talita Ferreira Gomes da Silva, em seu artigo “Escrita maldita, escrita lésbica: Cassandra Rios e a censura à lesbianidade na literatura”, investiga a obra dessa escritora classificada como “maldita” e considerada “a mais proibida do Brasil”. Os romances de Rios são protagonizados por personagens lésbicas e foram censurados pelo regime militar brasileiro.

O pesquisador e tradutor Victor Santiago faz uma leitura da peça *Freshwater: uma comédia*, de Virginia Woolf, à luz de obras da autora e a partir do gênero farsa,

no artigo “Do riso solto ao “gênero intensivo”: a teatralidade farsesca na escrita modernista de Virginia Woolf”.

O texto da seção Tradução apresenta a “Premiação da primeira edição do ‘M’illumino / d’immenso’ - Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do Italiano para o Português” com traduções de dois poemas feitas por Mariangela Ragassi, vencedora da competição.

Desejamos que a leitora/leitor deste número da *Ipotesi* consiga aliar aprendizado com reflexão sobre o lugar e a voz da mulher atual, ainda pouco ouvida no contexto político, social e profissional de nosso país. Que seja uma leitura transformadora! Que assim seja!

09/12/2025.